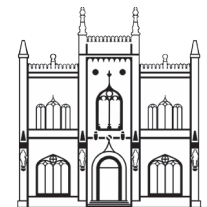


Convergência Lusíada

Número 36

Julho – Dezembro de 2016



Real Gabinete Português de Leitura



ILCML

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

Apresentação

A história da literatura em língua portuguesa relida a partir do conceito de “feminino” permite equacionar importantes questões, tanto no que respeita às noções de autoria e autoridade quanto no que concerne à própria ideia de representação. Tradicionalmente medida e mediada pelo masculino, a língua que nos é comum (a partilhada pelos nossos dois países, separados que são, embora, por todo um oceano), gerou belíssimos textos literários, desde as cantigas trovadorescas em Portugal, passando pela literatura brasileira produzida no período colonial, até ao modernismo brasileiro e português, povoados sobretudo por personagens femininas – delineadas e compostas por escritores que para elas criaram cenários, ações, vidas textuais. O mesmo aconteceu com a História, onde a criação de mitos ou a ficcionalização do real se emprestaram das figuras das mulheres, estereótipos – musas, mães, escravas, vítimas angelicais ou criaturas demoníacas.

Enquanto agentes da sua própria história e motores das suas próprias vidas, as mulheres foram silenciadas, incumbidas apenas de um papel sociocultural que as reduzia a uma condição de subserviência ou de minoridade, o que se revestiu de um inevitável impacto no âmbito da sua produção literária. Como sujeitos de escrita, pois, e por razões que todas e todos conhecemos, às mulheres raramente coube um papel ativo. E, todavia, houve sempre, ao longo dos séculos, mulheres que, em gesto de ruptura, se escreveram, escrevendo o mundo, e praticando nessa escrita de si gestos estéticos, mas também necessariamente éticos e políticos.

Este número de *Convergência Lusíada* não pretende defender que existe uma “escrita feminina”. Afinal, e até porque a literatura trabalha com material da ordem do simbólico, essa questão é de impossível resposta, antes devendo ser integrada num mais amplo cenário teórico-crítico: aquele que se interroga sobre as raízes e os processos imaginativos e ideológicos que presidem à construção do que consideramos “feminino” ou “masculino” na tessitura do texto literário. Este número propõe-se antes apresentar e debater o papel que algumas mulheres desempenharam nas nossas duas literaturas, ora inscrevendo-se em modelos que lhes foram sempre adversos, ou mesmo alheios, ora rompendo com os cânones e modelos que lhes eram impostos. Mas justamente porque, como sublinhava já em 2000 a crítica portuguesa Maria Irene Ramalho, é urgente “a desessencialização desse recente sujeito colectivo a que chamamos ‘as mulheres’”, este número equaciona também o cruzamento das categorias “gênero” e “sexo” com uma outra categoria não menos importante, a que diz respeito às sexualidades, apontando para a necessidade de criação e reconhecimento na literatura e na vida (individual e social) de novas configurações identitárias.

Assim, os textos de Rosana Cássia Kamita e de Constância Lima Duarte centram-se na questão da recuperação de vozes de mulheres pioneiras do feminismo brasileiro (como as de Mariana Coelho ou Nísia Floresta), enquanto o texto de Patricia Delayti Telles aborda a temá-

tica da desmontagem da representação do feminino na literatura e na arte luso-brasileira. Se estes três textos trabalham a literatura portuguesa e brasileira finissecular, os ensaios de Ana Maria Domingues de Oliveira e Emerson Inácio debatem polêmicas ligadas à recepção literária de autoras portuguesas e brasileiras da primeira metade do século XX (como Cecília Meirelles, Judith Teixeira ou Irene Lisboa). Por seu turno, os textos de Maria de Fátima Marinho, Adília Martins de Carvalho, Ana Gabriela Macedo e Louise Ribeiro da Cruz dedicam-se a obras de autoras portuguesas contemporâneas (como Agustina Bessa-Luís, Maria Velho da Costa e Ana Luísa Amaral). Finalmente, os dois ensaios que completam este número oferecem duas reflexões em torno da questão da relação entre gênero, sexo e sexualidades: Ana Beatriz Affonso Penna problematiza a definição mesma de “feminino” na literatura e na teoria literária, enquanto Paulo César García se concentra na interseção entre voz enunciativa e corpo não normativo. Na seção “Vária” encontra-se o último texto deste volume, um ensaio de Raphael Meciano sobre Fernando Pessoa e o *Livro do desassossego*.

É de viagens novas mas comuns, este número. E de paisagens já visitadas, agora vistas por novos olhares. É de cânones e de rupturas que ele trata. Dito de outra maneira, é sobre movimentos: o de escrever(-se) – mulher, homem, outr@. Ou escrever; somente.

Ana Luísa Amaral
Marinela Freitas
Raquel Menezes